

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E RELATIVISMO LINGUÍSTICO: O CASO DO GÊNERO GRAMATICAL EM PORTUGUÊS

GRAMÁTICA DE CONSTRUCCIONES Y RELATIVISMO LINGÜÍSTICO: EL CASO DEL
GÉNERO GRAMATICAL EN PORTUGUÉS

CONSTRUCTIONS GRAMMAR AND LINGUISTIC RELATIVISM: THE CASE OF
GRAMMATICAL GENDER IN PORTUGUESE

Wallace Bezerra de Carvalho*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Diogo Oliveira Ramires Pinheiro***

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a natureza das desinências de gênero no português, sua relação com vogais temáticas e suas funções. Acreditamos que a divisão entre os conceitos de desinências de gênero e vogal temática é psicologicamente irreal. Além disso, hipotetizamos que a função das construções desinenciais de gênero (como aqui são chamadas) está intimamente relacionada às categorias de gênero social. Sendo assim, mesmo quando combinadas com substantivos de referente inanimado, veiculam tal significado, o que força aos falantes a atribuição de características comumente relacionadas aos gêneros sociais, e, portanto, a humanos, a referentes inanimados. Nesse sentido, defendemos, neste trabalho, que a língua afeta a maneira como

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorando pela mesma instituição. E-mail: wallace.carvalho@ifrj.edu.br.

** Professor titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor e mestre em Língua Portuguesa também pela UFRJ. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

*** Professor de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutor em Linguística e mestre em Língua Portuguesa também pela UFRJ. E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br.

pensamos, de alguma maneira, nos aproximando do Relativismo Linguístico. Tais afirmações foram corroboradas por resultados obtidos via experimento linguístico aqui relatado.

PALAVRAS-CHAVE: Género. Vogal temática. Construções. Relativismo.

RESUMÉN: Este artículo tiene como objetivo discutir la naturaleza de las terminaciones de género en portugués, su relación con las vocales temáticas y sus funciones. Creemos que la división entre los conceptos de terminaciones de género y vocal temática no es psicológicamente real. Además, planteamos la hipótesis de que la función de las construcciones morfológicas de género (como se denominan aquí) está estrechamente relacionada con las categorías de género social. De esta manera, incluso cuando se combinan con nombres de referencia inanimados, transmiten tal significado, que obliga a los hablantes a asignar características comúnmente relacionadas con los géneros sociales, y por lo tanto con los humanos, a los referentes inanimados. Defendemos, en este trabajo, que el lenguaje afecta de alguna manera la forma en que pensamos, acercándonos al Relativismo Lingüístico. Tales declaraciones fueron corroboradas por los resultados obtenidos a través del experimento lingüístico que aquí se informa.

PALAVRAS-CHAVE: Género. Vocal temática. Construcciones. Relativismo.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the nature of gender marks in Portuguese, their relationship with thematic vowels and their functions. We believe that the distinction between the concepts of gender endings and thematic vowel is psychologically unreal. In addition, we hypothesize that the function of the gender constructions (as they are called here) is closely related to the categories of social gender. Thus, even when combined with inanimate referent nouns, they convey such meaning, which forces speakers to assign characteristics commonly related to social genders, and therefore to humans, to inanimate referents. In this sense, we defend, in this work, that language affects the way we think in some way, approaching Linguistic Relativism. Such statements were corroborated by results obtained through the linguistic experiment reported here.

KEYWORDS: Gender. Thematic Vowel. Cobstructions. Relativism.

1 INTRODUÇÃO

Na literatura sobre morfologia do português, há muito se discute sobre o estatuto morfológico das vogais átonas finais -a, -o e -e em nomes (por exemplo, em palavras como “casa”, “menina”, “livro”, “menino”, “potê” e “peixe”). De uma maneira geral, as propostas já desenvolvidas se dividem em dois grandes grupos. De um lado, estão aquelas que assumem que o estatuto morfológico das vogais átonas finais depende da animacidade do referente do nome, de maneira que em “casa”, por exemplo, temos uma vogal temática, ao passo que em “menina” estamos diante de uma desinência de género (Cunha; Cintra, 2001; Camara Jr., 1970; Khedi, 1990; Rocha, 2008). De outro, alguns autores sustentam que essas vogais terão sempre o estatuto morfológico de classificadores nominais – isto é, vogais temáticas –, os quais poderão ou não, a depender da animacidade do referente do nome, veicular o significado de género social ou sexo biológico (Nascimento, 2006; Villalva, 2003)¹.

Neste artigo, defenderemos uma proposta que se afasta crucialmente de todas as soluções analíticas mencionadas acima. Em poucas palavras, sustentaremos que *todas as vogais átonas finais de nome desempenham, no português brasileiro, o papel de desinências de género*. Na prática, isso significa que, segundo a nossa hipótese, as vogais -a, -o e -e átonas finais veiculam, sempre, algum tipo de informação referente à categoria de género social ou sexo biológico – não apenas quando se trata de nomes com referentes animados, o que é relativamente incontroverso, mas também, e talvez mais surpreendentemente, quando se trata de nomes com referentes inanimados.

Embora essa sugestão possa parecer surpreendente para aqueles que estão familiarizados com a literatura sobre morfologia do português, ela decorre quase naturalmente de descobertas recentes no campo dos estudos sobre Relativismo Linguístico². Depois

¹Essa classificação em dois grandes grupos obscurece o fato de que todas essas abordagens guardam entre si diferenças significativas. As particularidades de cada proposta serão detalhadas na seção intitulada “O estatuto morfológico das vogais átonas finais no português”.

²Neste texto, adotamos a conceituação ‘Relativismo Linguístico’ para nos referirmos à Hipótese Sapir-Whorf. Assim optamos por, em trabalhos mais recentes, esse ser o termo de preferência, Everett (2013) explicita.

de décadas de ostracismo, a famosa Hipótese Sapir-Whorf (comumente referida como Relativismo Linguístico) tem voltado a ganhar credibilidade conforme algumas de suas previsões vão sendo confirmadas experimentalmente, inclusive no que diz respeito à relação entre gênero gramatical e gênero social ou sexo biológico (Boroditsky; Schmidt, 2000; Boroditsky; Phillips, 2003; Ramos; Roberson, 2011). Este trabalho se apresenta, assim, como uma ponte entre, de um lado, o campo dos estudos morfológicos e, de outro, as investigações experimentais sobre Relativismo Linguístico – dois universos que até este momento têm permanecido quase que inteiramente incomunicáveis.

A fim de desenvolver nossa proposta, recorreremos, do ponto de vista teórico-descritivo, ao arcabouço da Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Goldberg, 2013; Pinheiro, 2015; Pinheiro, 2016). Em termos práticos, a consequência mais imediata dessa opção é que, em vez de falarmos em desinências de gênero, faremos referências a *construções desinenciais de gênero* do português brasileiro, uma família construcional que inclui os padrões morfológicos [N-a], [N-o] e [N-e]. Traduzida para a metalinguagem construcionista, nossa hipótese propõe, fundamentalmente, que o polo funcional das construções gramaticais [N-a], [N-o] e [N-e] inclui, necessariamente, informações relacionadas à categoria de gênero social ou sexo biológico.

A fim de verificar a validade dessa hipótese, foi desenvolvido um experimento de produção induzida no qual os participantes foram solicitados a criar nomes próprios para objetos inanimados pouco conhecidos. Como se verá, o objetivo era observar se a presença de uma determinada vogal átona final (-a, -o ou -e) estaria correlacionada à tendência pela opção por nomes tipicamente associados a um ou outro gênero social (feminino ou masculino). Em seus resultados, o experimento identificou a existência de uma correlação significativa entre a atribuição de nomes femininos ou masculinos para seres inanimados e a vogal átona final presente no substantivo comum que nomeia esses seres, o que foi interpretado como evidência de que tais vogais estariam inerentemente associadas à expressão de gênero social ou sexo biológico.

O artigo se divide em mais quatro seções, além desta. Na próxima seção, discorreremos sobre aquilo que já foi e que tem sido discutido em relação às análises do gênero gramatical no português. Em seguida, apresentamos as bases que sustentam nossas ideias, para, então, apresentar nossa proposta. Como este trabalho se vale de método experimental, utilizamos a seção intitulada “Testando a hipótese: um experimento de produção eliciada” para discorrer sobre o experimento utilizado. Por fim, apontamos considerações que julgamos relevantes, de acordo com o percurso deste estudo.

2 A DESCRIÇÃO DA FLEXÃO DO GÊNERO GRAMATICAL NO PORTUGUÊS

O debate sobre o estatuto das vogais átonas finais em nomes não é novo no português. A fim de organizar o amplo conjunto de estudos que se debruçam sobre esse tema, este artigo irá dividi-los em dois grandes grupos (mas o leitor deve ter em mente que mesmo propostas incluídas em um mesmo grupo podem exibir diferenças marcantes entre si). Nos próximos parágrafos, discorreremos um pouco sobre tais propostas, começando por aquelas que apontam para uma divisão entre vogais temáticas e desinências de gênero, passando por aquelas que propõem apenas classificadores nominais e finalizando com as sugestões apresentadas neste estudo.

Dentre os muitos estudos sobre as vogais finais átonas nominais e seu estatuto morfológico no português, podemos apontar aqueles que se relacionam por considerarem a existência de uma divisão entre vogais temáticas e desinências de gênero, parcialmente dependente da animacidade do referente. Possivelmente, uma das mais famosas e bem aceitas é a de Câmara Jr. (1970). O autor propôs que o gênero gramatical no português é marcado, flexionalmente, a partir da desinência de gênero -a (menin-a; gat-a), tão somente quando essa se adjungia a bases nominais que possuíam como referentes seres animados³. Às formas restantes, -o, -e e o próprio -a (quando conectada a bases de referentes inanimados), era reservada a alcunha de vogais temáticas (VTs) nominais. Essa proposta, representada no quadro abaixo, ganhou muita força entre diversos estudiosos do português (Rocha Lima, 2014; Zanotto, 1986; Rocha, 2008).

³ Essa posição tem como base as considerações do autor sobre gênero gramatical, marcação e flexão no português, desenvolvidas em textos como Câmara Jr. (1970) e Câmara Jr. (1974).

Desinência de gênero	Vogal temática		
a	a	o	e

Quadro 1: Esquematização baseada em Camara Jr. (1970)

Fonte: Elaboração própria baseada em Camara Jr. (1970)

Ainda assim, mesmo com toda sua força, a proposta não se estabeleceu de forma unânime. Trabalhos como o de Kehdi (1990) apontaram para fatos aparentemente não considerados em Camara Jr. (1970). Kehdi aponta que, mesmo com a maior uniformidade das formas femininas, as formas masculinas possuem tendência a se apresentarem com a vogal final -o. O autor defende seu ponto a partir da análise de palavras que mostravam a possível produtividade da vogal -o final como marca de masculino, como no caso de ‘criança’ e ‘babaco’. Ainda assim, o autor propõe uma diferenciação entre, de um lado, as formas -a e -o desinenciais e, de outro, as formas -a e -o VTs nominais com base em uma propriedade semântica do referente (se animado/sexuado ou não). A seguir, um quadro que ilustra a ideia do autor é apresentada:

Desinência de gênero		Vogal temática		
a	o	a	o	e

Quadro 2: Esquematização baseada em Kehdi (1990)

Fonte: Elaboração própria baseada em Kehdi (1990)

Apesar dos contra-argumentos apresentados por Kehdi (1990), a hipótese de Camara Jr. se manteve como candidata hegemônica nos estudos linguísticos do português. Alguns outros autores propõem outros tratamentos para as marcas, mas grande parte desses tratamentos se mantém associados à proposta *mainstream*. No entanto, algumas ideias escaparam das abordagens de Camara Jr. e outros.

Aqui, dois trabalhos conseguem se destacar: as discussões empreendidas em Villalva (2003) e Nascimento (2006). A primeira, a partir de um arcabouço gerativista, propõe agrupamentos extensivos para diversas formas de marcas nominais no português, escapando da simples bipartição entre desinências de gênero e vogais temáticas. Ao final de sua discussão, a autora chega à conclusão de que, no português, há um total de 23 classes temáticas, que (quase) nada têm que ver com a animacidade dos referentes. Já Nascimento (2006), partindo de pressupostos cognitivistas e construcionistas, discute as marcações de gênero em português de maneira amplamente afastada da proposta inicial de Camara Jr.

Especificamente, o autor argumenta que desinências e VTs podem ser entendidas, ambas, como VTs e, com isso, postula a existência de construções que possuem as formas X-a, X-o, X-e e X-0. Com uma base experiencialista da aquisição da linguagem, o autor propõe que os significados das construções de gênero gramatical estão baseados na experiência dos falantes com sexo biológico. Como feito anteriormente, a proposta do autor é parcialmente indicada pelas ilustrações abaixo.



Figura 1: Nossa representação para as construções originais em Nascimento (2006)

Fonte: Elaboração própria baseada em Nascimento (2006)

Nascimento (2006), porém, sustenta que essas não são as duas únicas construções necessárias para explicar as vogais -a e -o átonas finais no português. Para ele, diretamente vinculados aos dois, existem outros dois padrões construcionais morfológicos (aos quais ele chama 'decorrentes') relacionados a gênero gramatical. A representação a seguir busca capturar a proposta completa:

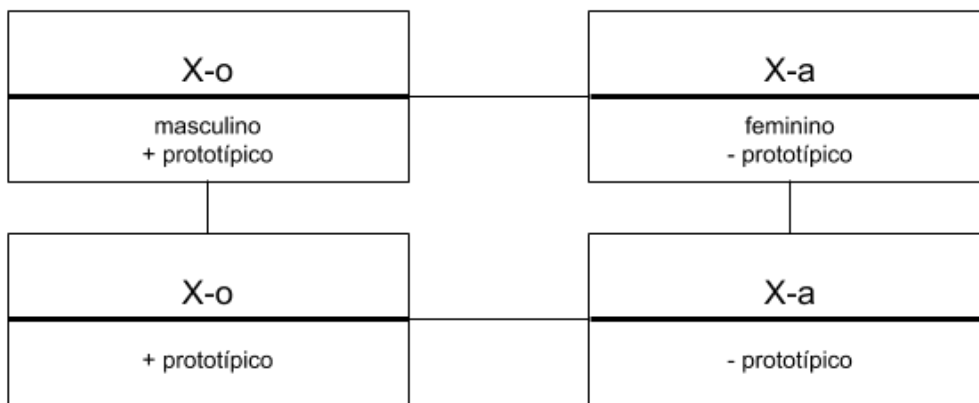


Figura 2: Nossa representação das construções originais e decorrentes de Nascimento (2006)

Fonte: Elaboração própria baseada em Nascimento (2006)

Segundo o autor, a função da construção original seria expressar gênero gramatical, que, por sua vez, seria um conceito baseado nas experiências dos falantes com sexo biológico. Além disso, essa experiência também colocaria questões de prototipicidade na função das construções; gênero feminino seria menos prototípico, ao passo que gênero masculino seria mais prototípico. Nas construções herdeiras, as funções relacionadas aos conceitos de sexo biológico deixariam de existir, restando, somente, a manutenção das funções relacionadas à prototipicidade. Nesse sentido, construtos como 'menina', 'menino', 'formiga' e 'besouro' atualizariam as construções morfológicas originais, ao passo que construtos como 'mata', 'mato', 'barca' e 'barco' atualizariam as construções decorrentes.

No entanto, neste trabalho, entendemos que, mesmo abrindo mão da diferença entre desinências de gênero e vogais temáticas, o autor apenas desloca o problema para outra questão. Caso haja, de fato, duas construções, como apontar qual é combinada com a base 'porc-' em palavras como 'porca' (animal) e 'porca' (ferramenta). Ainda, como explicar usos como os presentes em jogos de palavras, como 'Sabe quem é UFA? A mulher do UFO'. Em casos como esse, qual foi a construção usada: a original ou a decorrente? Caso tenha sido a decorrente, como explicar a referência a gênero social contida no trocadilho? Essas questões abrem espaço para a proposta deste trabalho.

3 ARCABOUÇO TEÓRICO

Inicialmente, deve-se notar que, segundo a teoria na qual este estudo se baseia, a linguagem é um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação (Geeraerts; Cuyckens, 2007). Além disso, é de importância primária a análise das bases conceitual e experiencial das categorias linguísticas. Essa visão incide diretamente sobre os recentes estudos da Hipótese Sapir-Whorf, que buscam entender como a língua interfere na forma como organizamos informações sobre o mundo.

Segundo Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 5), a linguagem passa a ser considerada, nos estudos em Linguística Cognitiva, como “[...] um repositório de conhecimento de mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e guardar informações de velhas [experiências]”. A partir desse entendimento, algumas conclusões necessárias são alcançadas: (i) sendo a categorização a principal função da linguagem, o significado passa a ser um fenômeno linguístico primário; (ii) sendo a língua um sistema de categorização do mundo, não há razão em separar significado linguístico de conhecimento de mundo; por fim, (iii) sendo a categorização (significado, portanto) um processo experiencial, o mundo refletido pela linguagem não é em absoluto objetivo, mas produto da mediação experiência humana-mundo real.

Nessa perspectiva, o conceito de razão corporificada se mostra importante. Para Lakoff e Johnson (1980), os seres desenvolvem suas cognições através das experiências corpóreas. Por conta de o ser humano estar preso a um tipo de experiência devido a seu padrão corporal, nossos conceitos racionais são baseados nas experiências que temos com nossos corpos. Essa experiência, por sua vez, se reflete na língua. Assim, por conta de a visão (para aqueles que enxergam) ser um sentido referencial, há uma tendência no português a se usar itens lexicais referentes a esse sentido quando se quer direcionar o foco de atenção do outro (‘Olha o que está acontecendo’; ‘Olha essa comida’; ‘Olha só essa música’). Da mesma maneira, outras metáforas, como ‘Evoluir é andar para frente’, podem ser apreendidas. Quando o ser humano anda, locomove-se para frente, o tempo passa e, eventualmente, sua vida evolui.

Para este trabalho, o gênero gramatical em português funciona similarmente. Apesar de todos os substantivos possuírem gênero gramatical em português, a maioria não referencia seres providos de gênero social ou sexo biológico⁴. Como consideramos que gênero gramatical e, por sua vez, as *construções desinenciais de gênero*, são relacionados a gênero social, e este relacionado culturalmente a sexo biológico, o fato de poucos serem os substantivos flexionáveis com referentes sexuais poderia configurar um problema para as hipóteses desta pesquisa. No entanto, como é possível perceber pelos resultados dos experimentos aqui relatados, bem como de outros estudos em Relativismo Linguístico (os quais veremos mais adiante), quando solicitados, os falantes associam, facilmente, os referentes inanimados de substantivos femininos ou masculinos ao gênero social coincidente.

Apesar de a discussão sobre o impacto da linguagem no pensamento perpassar as ideias linguísticas através de eras, ela foi tratada por muito tempo como uma questão secundária. Em realidade, há apenas algumas décadas esse debate foi tratado diretamente como objeto de estudos central e de modo estruturado. Esses estudos foram empreendidos por Benjamin Lee Whorf, sob grande influência do linguista Edward Sapir. Por isso, a consideração de que a língua utilizada influencia o pensamento ganhou o nome de Hipótese Sapir-Whorf.

Na literatura atual, como sugere Everett (2013), todo o desenvolvimento no que se entende como Hipótese Sapir-Whorf faz com que a teoria seja mais bem referida apenas como Relativismo Linguístico. O autor argumenta que, a partir dos progressos alcançados por autores posteriores a Whorf, principalmente no que tange à experimentação linguística, a estrutura da hipótese não pode ser atribuída a apenas um teórico.

⁴ Dados mostram que apenas 4,5% dos substantivos com flexão de gênero fazem referência a seres sexuais (Rocha, 2008).

Experimentos linguísticos têm continuamente apresentado as tendências de diferentes conceptualizações linguísticas de contribuírem para diferentes conceptualizações mentais. Casasanto (2008) e Everett (2013) alertam, contudo, que, concomitantemente à sustentação da hipótese do Relativismo Linguístico, essas pesquisas têm mostrado que a hipótese do Determinismo Linguístico é insustentável. Com o intuito de ilustrar seus argumentos, apresentam exemplos de diversos trabalhos nesse sentido, principalmente no que se refere à conceptualização do tempo, do espaço, de sons, bem como de gênero gramatical, foco deste trabalho.

Sobre esse último ponto, os trabalhos encabeçados por Lera Boroditsky constituem grande referência (Boroditsky; Schmidt, 2000; Boroditsky; Phillips, 2003). A estudiosa tem investigado, em colaboração com outros pesquisadores, os efeitos produzidos pelo gênero gramatical em diferentes comunidades linguísticas. Os achados da pesquisadora têm apontado para uma influência real da língua na percepção de mundo de diferentes falantes.

Seguindo os mesmos passos, Ramos e Roberson (2011) estudaram os efeitos do gênero gramatical no pensamento dos falantes de português. Os pesquisadores, seguindo, similarmente a Boroditsky, uma linha experimental, encontraram algum nível de influência, mas, segundo seus resultados, essa influência perdia força quando a necessidade de uso linguístico durante a resolução da tarefa era diminuída.

Com base nessas pesquisas (Boroditsky; Schmidt, 2000; Phillips; Boroditsky, 2003; Ramos; Roberson, 2011) e em conformidade com as necessidades deste estudo, um experimento que pudesse verificar a validade das hipóteses levantadas neste trabalho foi elaborado. Nesta pesquisa, entendemos que, se gênero gramatical de fato exerce algum tipo de influência no pensamento, construções associadas a essa também o fazem. Assim, com o experimento proposto, poderíamos rastrear as possíveis influências de construções gramaticais (nesta pesquisa, as construções desinenciais de gênero) no pensamento, i.e, entender se essas podem afetar o modo como um falante percebe e entende o mundo que o rodeia.

O que chamamos aqui de construção (gramatical) está firmemente baseado naquilo que Goldberg (1995, p. 4, tradução nossa) define como:

C (construção) é uma construção se, e somente se, C é um pareamento entre forma e significado $\langle F, S \rangle$, tal que algum aspecto de F (forma), ou algum aspecto de S (significado), não seja estritamente previsto pelas partes que compõem C ou de outras construções previamente estabelecidas.⁵

Em outras palavras, uma construção é, basicamente, uma unidade simbólica que associa informações de forma a informações de significado. Construções são, essencialmente, abstrações mentais⁶. Quando utilizadas na língua durante a comunicação, dão origem a construtos.

Assim, nos baseamos aqui na Gramática de Construções (GC) e, em particular, à sua variante cognitivo-funcional, às vezes referida como Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; Diessel, 2015; Perek, 2015; dentre outros) para a descrição gramatical empreendida neste trabalho.

Pinheiro (2016) aponta os três princípios básicos que irmanam todas as variantes da GC, a saber: (i) o conhecimento linguístico se organiza sob a forma de um léxico – um grande inventário de construções, muitas vezes rotulado como *constructicon*; (ii) as construções que compõem o conhecimento linguístico tomam a forma de uma rede interconectada; e (iii) as construções do *constructicon* devem ser combinadas entre si.

⁵ C is a construction iff*, C is a form-meaning pair $\langle F, S \rangle$ such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

⁶ Mesmo que apresentem, em partes ou na totalidade de sua forma, concretude fonológica.

De acordo com a primeira das premissas, a divisão entre gramática e léxico defendida pela linguística gerativa não seria real, na medida em que o conhecimento linguístico poderia ser capturado, na sua totalidade, como uma grande coleção de itens lexicais: as construções gramaticais.

Graças ao conceito de construção, damos conta de todo o conhecimento linguístico uniformemente, a partir de um único expediente, como argumenta Goldberg (2013). Portanto, da menor partícula morfológica à forma sintática mais abstrata, tudo é léxico e, qualitativamente, a mesma coisa. Nesse quadro teórico, diversos são os trabalhos voltados para diferentes níveis linguísticos. Nomeiam-se aqui: Goldberg (1995, 2006), em construções sintáticas mais regulares; Geert Booij (2010), bem como Gonçalves (2016), em que se analisam fenômenos morfológicos.

No que tange especificamente à morfologia, dimensão privilegiada neste estudo, a longa e tradicional discussão sobre as diferenças entre flexão e derivação, como visto, por exemplo, em Gonçalves (2011), perde um pouco de sua força. Isso se dá justamente por conta de, em Gramática de Construções, apenas uma unidade de análise ser usada na descrição da gramática, a construção gramatical. Por conta disso, como pontuado por Booij (2010), analisar as diferenças entre flexão e derivação não se mostra tão relevante, já que ambos os processos seriam, em realidade, equivalentes. Assim como a construção referente a plural pode ser representada como [N-s], a de aumentativo pode ser representado como [N-ão] e a de uma nominalização deverbal pode ser representada por [V-ção]. A investigação, então, recai sobre o que faz as construções morfológicas se comportarem de maneira diferente.

Há, ainda, a consideração sobre a forma como linguagem é apreendida pelos seres humanos. De acordo com a proposta que baseia este trabalho (Tomasello, 2009; Croft, 2001), línguas são apreendidas através de experiência e de sua interação com processos cognitivos de domínio geral. Morfemas presos, por sua própria natureza, não podem ser experienciados sem uma base à qual se conectem. É devido às experiências com palavras das quais esses morfemas fazem parte que humanos, através de analogização e categorização, conseguem abstratificar as categorias às quais aquelas bases pertencem ('jornaleiro' + 'pedreiro' + 'cozinheiro' + 'porteiro' (+ n) = [N-ciro]).

Nessa esteira, é possível pressupor que as formas linguísticas são conectadas entre si, da mesma maneira que categorias semânticas são ligadas, como ilustrado a seguir.



Figura 4: Rede semântica da palavra 'escola'

Fonte: Elaboração própria

O que a imagem representa é a concepção de que os signos não são totalmente independentes entre si como são em entradas de dicionários. Quando um ser humano entra em contato com uma palavra específica, essa palavra está intimamente relacionada a

diversas outras palavras e expressões. Na Figura 1, grosso modo, os balões representam palavras que se afastam ou se aproximam de acordo com o grau de relação entre si. Além disso, as linhas que representam os *links* possuem espessuras diferentes, representando os níveis de conexão entre itens; quanto mais espessa, mais forte é a relação entre palavras.

Nessa ideia se sustenta a metáfora da rede construcional, por meio da qual se entende o conhecimento linguístico dos usuários de uma língua como interconectado. Nos trabalhos construcionistas, o conjunto de itens que forma o *constructicon* tem formato de rede, como representado abaixo.

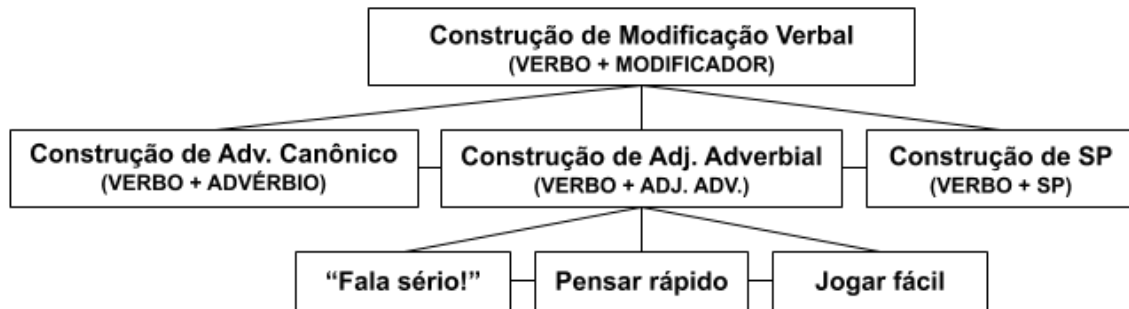


Figura 5: Rede de construções de modificação verbal retirada de Pinheiro (2016, p. 38)

Fonte: Pinheiro (2016)

Essa simples metáfora captura a ideia de que as construções que um usuário de uma língua possui estão interligadas. Assim, uma construção se relaciona com outra, o que faz com que uma alteração em um nó da rede (uma construção particular) tenha potencial para afetar toda a estrutura à qual se liga. Há, portanto, uma série de interconexões que fazem com que algum(ns) item(ns) linguístico(s) possa(m) influenciar outro(s), seja no uso, na forma ou na significação.

A terceira característica da GC indicada por Pinheiro (2016) se relaciona à seguinte questão: como explicar de que maneira é possível produzir infinitas sentenças (a partir de um repertório finito) sem que para isso seja preciso lançar mão de um aparato teórico como um conjunto de operações derivacionais. A resposta oferecida é de que as construções devem ser combinadas entre si para que seqüências concretas sejam formadas (e estas, por sua vez, podem ou não ser construções). É o que se vê, por exemplo, em uma sentença como “O jangadeiro levou os namorados para as piscinas?”. Aqui se percebem, no mínimo, dezoito construções distintas combinadas: oito palavras (que também são construções, já que são pareamentos forma-função), oito construções tradicionalmente tidas como flexionais (-u verbal, -o nominal, -a nominal e -s nominal), uma construção de estrutura argumental SV OBJ1 *para* OBJ2 e uma construção de estrutura informacional (entonação de pergunta).

Mais acima, dissemos que este trabalho se alinha especificamente à GCBU, entendida como a variante cognitivo-funcional da GC. Assim o fazemos por partirmos da consideração de Goldberg (2006), quando a autora reelabora sua definição de construção gramatical, explicitando o papel da experiência na apreensão de construções gramaticais. Construção, então, passa a ser entendida como: “Qualquer padrão linguístico é considerado como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou sua função não seja exatamente previsto através de suas partes componentes ou de outras construções conhecidas. Ademais, padrões são armazenados como construções mesmo que sejam completamente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente”. (Goldberg, 2006, p. 5, tradução nossa).⁷

Dessa premissa, então, surge a possibilidade de se entender a gramática como fundamentalmente redundante. Isso se dá por conta da consideração de que, sem uma capacidade inata que apresente categorias linguísticas básicas, tudo precisa ser construído a partir

⁷ Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.

do uso linguístico. Assim, o ser humano precisa apreender, primeiro, formas linguísticas concretas, e, como formas mais esquemáticas são abstraídas a partir das seqüências concretas, e ao mesmo tempo as seqüências concretas não são descartadas (Langacker, 1987), o resultado é a redundância representacional.

Como já aludido, o conceito de construção abarca todo o conhecimento linguístico que combina uma forma a uma função, e, sendo assim, construções morfológicas são analisadas da mesma maneira, como visto em Booij (2010, 2017), Gonçalves (2016) e Tavares da Silva (2019). Este último analisa as construções [N-eiro] e argumenta que, a partir das experiências com formas concretas tais como ‘jornaleiro’, ‘jangadeiro’, ‘fofoqueiro’, uma forma abstrata [N-eiro] é conceptualizada com sua respectiva função e possibilita a compreensão de formas novas como ‘cachorreiro’ {AQUELE QUE FAZ CACHORRO-QUENTE}, ‘twitteiro’ {AQUELE QUE USA O TWITTER COMUMENTE} e ‘fortniteiro’ {AQUELE QUE JOGA FORTNITE COMUMENTE}.

É dessa forma que entendemos as construções de gênero no português atual. A partir de experiências com dados concretos de uso, tais como ‘menina’-‘menino’, ‘garoto’-‘garota’, ‘gata’-‘gato’, ‘porca’-‘porco’, ‘pata’-‘pato’, ‘rata’-‘rato’, entre outros, o indivíduo abstrai as construções [N-a] e [N-o] (o que inclui seus respectivos polos semânticos: {GÊNERO/SEXO FEMININO} e {GÊNERO/SEXO MASCULINO}).

A despeito da ênfase sobre o papel da experiência concreta para a construção do conhecimento linguístico, não se deve pensar que modelos baseados no uso tomam o ser humano como *tabula rasa*. É preciso, em vez disso, assumir a existência de um repertório amplo de habilidades cognitivas que atuam em conjunto para permitir a aquisição da linguagem. A algumas dessas habilidades, Bybee (2010) se refere como processos cognitivos de domínio geral.

Este trabalho se insere nessa perspectiva. Acreditamos que as vogais finais nominais -a e -o (com pares, ‘menina’-‘menino’, ‘mato’-‘mata’, ou sem pares, ‘testemunha’, ‘indivíduo’), distribuídas entre desinências de gênero e VT, ou ainda consideradas como classificadores nominais, seja nas gramáticas ou na literatura linguística, são experienciadas da mesma maneira pelos falantes e, assim, abstratizadas seguindo um mesmo padrão ([N-a] e [N-o]). Essa forma única tem, também, significado único: {GÊNERO/SEXO FEMININO} e {GÊNERO/SEXO MASCULINO}, respectivamente. Sustentamos também que a forma [N-e] se associa à função {GÊNERO NÃO ESPECIFICADO} em alguns contextos. Na esteira de Nascimento (2006), entendemos que, a partir da experiência com o mundo natural, histórico e cultural, atribuímos características aos sexos biológicos, e essas características são alinhadas às representações de gênero gramatical.

4 EXPERIMENTAÇÃO

Neste trabalho sustentamos a hipótese de que, por consequência de a semântica das *construções desinenciais de gênero* estar relacionada a gênero social, falantes atribuem características prototípicas de gênero social ou sexo biológico a referentes de nomes que instanciam tais construções. Propomos, então, que i) a construção desinencial de gênero específica, em seu polo semântico, a ideia de gênero social/sexo biológico, e ii) a semântica da construção faz com que falantes de português enxerguem características culturalmente relacionadas aos gêneros sociais/sexos biológicos mesmo nos referentes de nomes inanimados.

Para verificar essas hipóteses, foi elaborado, no *software OpenSesame*⁸, em sua versão 3.2.5 *Kafkaesque Koffka*, um experimento em que os sujeitos eram solicitados a atribuir antropônimos a objetos inanimados nomeados com pseudopalavras com vogais finais -a, -o e -e. Os estímulos eram constituídos de uma pseudopalavra terminada em alguma das três vogais finais mencionadas, uma imagem de um objeto inanimado pouco comum e uma função relacionada a esse objeto. Dessa maneira, o experimento contou com uma variável independente (vogal final) de três níveis (-a, -o e -e, chamados de [N-a], [N-o] e [N-e]) e uma variável dependente (gênero social associado ao antropônimo atribuído). Ao finalizar o experimento, cada participante passava por uma etapa de *debriefing* em que as imagens utilizadas nos itens experimentais eram novamente apresentadas, o que possibilitou um controle de conhecimentos prévios dos sujeitos.

⁸ Software disponível no site <https://osdoc.cogsci.nl/>, de maneira aberta e gratuita.

Todas as aplicações do experimento foram rodadas em um computador *Dell*, modelo *Inspiron 15 série 3000 (i15-3567-A10P)*, com sistema operacional *Windows 10*. Ao final de cada participação, o programa produzia uma planilha com todos os antropônimos fornecidos.

Dadas as variáveis estabelecidas, as previsões apresentadas foram: i) nomes próprios femininos serão atribuídos com frequência significativamente mais alta a nomes [N-a] que a nomes [N-o] e [N-e]; ii) nomes próprios masculinos serão atribuídos com frequência significativamente mais alta a nomes [N-o] que a nomes [N-a] e [N-e]; e iii) não haverá diferença significativa na atribuição de nomes próprios femininos ou masculinos a nomes [N-e]. Para evitar conclusões enviesadas, os nomes escolhidos passariam pelo crivo de três juízes independentes, para que, sem a influência da pesquisa, fossem avaliados como tipicamente femininos ou masculinos.

De forma a contextualizar a realização da tarefa, os participantes foram instruídos a imaginar que um filme estava em vias de produção e que, em seu enredo, um *alien* visitava a Terra e, durante sua visita, conseguia fazer animais falarem e objetos inanimados criarem vida. Os produtores do filme, então, estavam fazendo uma consulta popular para descobrir quais nomes próprios seriam os mais apropriados para os personagens da produção cinematográfica. Essa proposta teve por base os experimentos relatados em Boroditsky e Schmidt (2003).

A noção básica que sustenta a elaboração do experimento é a de que é comum que seres humanos recebam nomes próprios, e que esses nomes tendem a ser específicos para gênero social/sexo. Por outro lado, tipicamente, objetos inanimados não são nomeados com nomes próprios. Com o controle das vogais finais, e com os participantes tendo de atribuir nomes antropônimos a objetos inanimados, é possível verificar se há relação entre a noção de gênero social e as vogais átonas finais.

Palavras inventadas foram utilizadas para que a única pista linguística dada aos falantes sobre o gênero gramatical da palavra fosse a terminação vocálica. Assim, pseudopalavras como ‘sumava’, ‘favubro’ e ‘melive’ foram criadas (ao todo, nove pseudopalavras foram criadas; as demais serão apresentadas no Quadro 4 adiante). Dessa forma, a expectativa era de que os participantes reconhecessem o gênero gramatical pela vogal final e não pela experiência com a palavra. O objetivo era verificar se, independentemente de se saber o gênero inerente de determinado substantivo, um falante poderia atribuir características femininas ou masculinas a ele, motivado, única e exclusivamente, pelas construções de gênero subjacentes a esses substantivos.

O experimento contou com nove itens críticos apresentados aos sujeitos acompanhados de um pequeno texto, descrevendo sua função, e uma imagem que representava aquele referido personagem. Para neutralizar a influência que uma representação pictórica poderia ter, imagens de objetos pouco comuns (no Rio de Janeiro) eram utilizadas, tais como a Figura 7 ilustra.



Figura 6: *Coconut scraper*

Fonte: Adaptado de IndiaMart (2021)

Contudo, como visto no trabalho de Vandewynckel (2008), culturas tendem a associar formatos e cores⁹ à feminilidade e à masculinidade. Dado esse fato, todas as imagens foram selecionadas de acordo com um formato base: utensílios aparentemente rígidos e afiados/pontiagudos. As imagens também foram editadas para que fossem apresentadas em preto e branco. Esse padrão

⁹ Assim acontece com outros fatores, como origem, textura, relação com a natureza etc.

foi escolhido por conta de essas características serem associadas de forma costumeira à masculinidade, o que permitia controlar possíveis interferências do formato e da cor do objeto sobre as escolhas na tarefa de nomeação.

Para rastrear algum comportamento que indicasse isso, os estímulos verbais e pictóricos foram cruzados em um quadrado latino. Tal estratégia criou três grupos diferentes de estímulos, como representado simplificadamente abaixo:

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>BANANA SLICER</i>	MELIVE	SUMAVA	FAVUBRO
<i>CAKE TESTER</i>	BUGIRO	RULAFE	DUBILA
<i>CHERRY PITTER</i>	VITULE	BODUNA	MAFUCHO
<i>COCONUT SCRAPER</i>	DUBILA	BUGIRO	RULAFE
<i>TUBE SQUEEZER</i>	RULAFE	DUBILA	BUGIRO
<i>KNIFE CLEANER</i>	SUMAVA	FAVUBRO	MELIVE
<i>PICKLE PICKER</i>	FAVUBRO	MELIVE	SUMAVA
<i>STRAWBERRY HULLER</i>	MAFUCHO	VITULE	BODUNA
<i>PIZZA SCISSORS</i>	BODUNA	MAFUCHO	VITULE

Quadro 3: Grupos experimentais

Fonte: Elaboração própria

Itens distratores foram adicionados para que os sujeitos não percebessem o objetivo final do estudo e não respondessem de acordo com o que achavam ser a resposta correta para o pesquisador. Para cada item experimental, dois distratores foram criados. Todos os distratores eram compostos de seres animados/sexuados e exibidos pelo nome da categoria que representavam (homem, mulher, *alien*, papagaio...). Eles foram agrupados considerando suas terminações: vogal final átona -a; vogal final átona -o; vogal final átona -e; e atemáticos. Os três primeiros grupos possuíam quatro itens e, o último, seis, o que totalizou dezoito estímulos.

Assim como aconteceu com os estímulos críticos, os itens distratores foram acompanhados de um pequeno texto, indicando o papel do personagem na produção, e de uma imagem ilustrativa em preto e branco. Enquanto os itens críticos eram acompanhados de imagens referentes a objetos inusitados no cotidiano carioca, os itens distratores eram apresentados ao lado de imagens relativamente comuns.

Foram alocados, em cada grupo, nove participantes. Dessa maneira, o experimento foi realizado com um total de 27 sujeitos (vinte mulheres e sete homens). Cada um desses participantes foi instruído a atribuir um nome próprio para cada personagem que aparecesse na tela. A interface do teste funcionava a partir de comandos do próprio participante, que, utilizando a tecla *enter* do computador, ia para a tela seguinte. O *design* experimental *within-subjects*¹⁰ foi aquele mais indicado para o teste, já que os participantes, dessa maneira, teriam acesso aos três níveis ([N-a]; [N-o]; [N-e]) da variável independente (vogal final). Assim, os participantes tinham contato com cada estímulo, crítico ou distrator, e então passavam para a tela seguinte, na qual poderiam digitar o antropônimo escolhido.

¹⁰ A contraparte experimental dos experimentos *within-subjects* é nomeada como *between-subjects* e se caracteriza por apresentar, em uma divisão dos sujeitos em grupos, uma parte das variáveis independentes a algum(ns) grupos e uma parte a outros.

Os resultados do experimento se mostraram compatíveis com as hipóteses levantadas no início desta pesquisa. Ao final das aplicações, foram obtidas 243 respostas analisáveis. Um terço desse número estava relacionado a cada uma das variáveis independentes ao se somarem os três grupos experimentais (N-a = 81; N-o = 81; N-e = 81). Dentro de cada um dos grupos, cada variável independente contava com 27 nomes próprios. A partir da avaliação dos juízes independentes, 118 dessas respostas foram consideradas antropônimos femininos, ao passo que 125 foram antropônimos masculinos.

Dentre as ocorrências de pseudopalavras terminadas em vogal -a ('boduna', 'sumava' e 'dubila'), 51 dessas foram designadas por antropônimos femininos, ao passo que 30 foram designadas por antropônimos masculinos. Percentualmente, esses dados indicavam que 63% dos nomes próprios relacionados à vogal -a eram femininos e 37% desses nomes eram masculinos. Com as pseudopalavras terminadas em -o ('mafucho', 'bugiro' e 'favubro'), 54 das respostas foram nomes masculinos e 27 femininos. Esses números resultam em uma percentagem de 66,7% para 33,3%. Já para as palavras inventadas terminadas em -e ('melive', 'rulafe' e 'vitule'), em números absolutos, 41 (51%) das respostas foram nomes masculinos; as 40 (49%) restantes corresponderam a nomes femininos.

Apresentados em gráfico de barras, esses resultados são ilustrados da seguinte maneira:

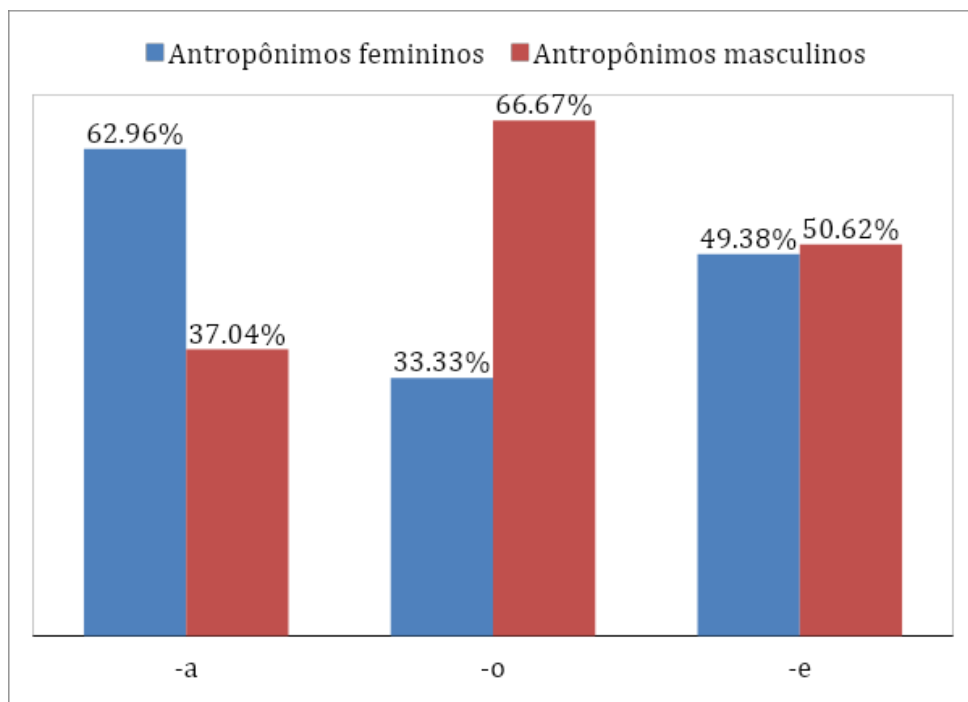


Gráfico 1: Relação de atribuição de antropônimos a vogais finais

Fonte: Elaboração própria

Para este experimento, o teste qui-quadrado indicou que, estatisticamente, os resultados provavelmente se repetiriam em possíveis replicações do experimento, já que indicou um $p < 0.0001$. Com isso, a princípio, as hipóteses levantadas para o experimento ganharam uma evidência em seu favor. Dados os números obtidos, houve influência da vogal final dos substantivos na atribuição de nomes próprios aos referentes.

Estes resultados são compatíveis com a rede construcional apresentada anteriormente (Figura 6) e reproduzida na Figura 8.

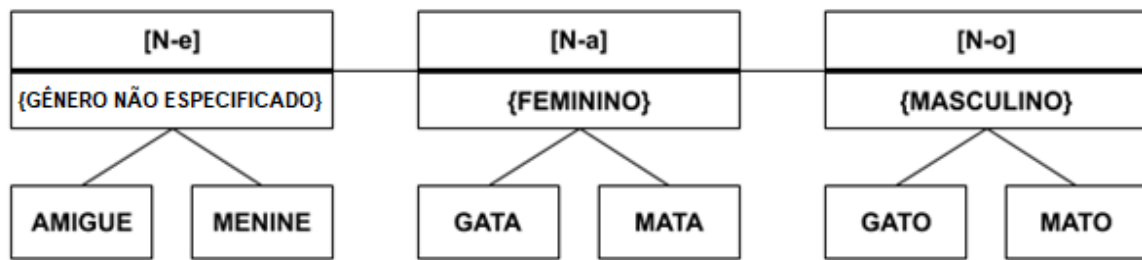


Figura 7: Construções desinenciais de gênero

Fonte: Elaboração própria

Por conta de as formas [N-a] e [N-o] estarem associadas aos significados {GÊNERO/SEXO FEMININO} e {GÊNERO/SEXO MASCULINO}, independentemente da animacidade do referente, os participantes atribuíram, majoritariamente, antropônimos femininos a objetos inanimados designados por instâncias da construção [N-a]. Do mesmo modo, os participantes atribuíram, majoritariamente, antropônimos masculinos a objetos inanimados designados por instâncias da construção [N-o]. Caso esses significados não estivessem associados a essas formas, como defendem autores como Camara Jr. (1970) e Kehdi (1990), o esperado era que essa distribuição fosse aleatória em substantivos de referente inanimado, o que não foi o caso.

Além disso, os resultados deste experimento corroboram outros relatados em trabalhos de base relativista (Boroditsky; Schmidt, 2000; Phillips; Boroditsky, 2003; Ramos; Roberson, 2011). Todos estes estudos têm demonstrado, via experimentação, que há certo grau de influência da atribuição de gênero gramatical aos substantivos na forma como esses são percebidos pelos falantes. Em línguas em que a divisão de gêneros gramaticais tem relação com gêneros sociais/sexo biológico, falantes tendem a relacionar referentes inanimados aos gêneros sociais/sexos biológicos devido aos gêneros gramaticais atribuídos aos substantivos.

No entanto, vale ressaltar que este experimento, assim como os citados no parágrafo anterior, apresenta limitações. Esse é o caso da personificação empreendida pelos participantes no ato da atribuição de antropônimos. Devido a sua estrutura, a tarefa trabalhava com a personificação de objetos inanimados. A literatura aponta alguns caminhos para contornar tal problema, como instruir aos participantes que avaliem o grau de semelhança entre objetos inanimados, animais e seres humanos (mulheres e homens) (Phillips; Boroditsky, 2003). Dessa forma, a tarefa não demandaria que os participantes personificassem os objetos, apenas avaliaria se o grau de semelhança atribuído coincidiria com o gênero social/sexo biológico dos humanos representados. Ainda assim, é válido refletir sobre o papel do gênero gramatical na escolha do gênero social/sexo biológico do referente personificado. Caso, de fato, não houvesse relação entre gênero gramatical e gênero social/sexo biológico, a escolha dos últimos quando da personificação deveria ser aleatória. Esse definitivamente não foi o caso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É grande o debate sobre a natureza das vogais átonas finais em nomes (-a, -o e -e), e esse certamente ainda possui uma longa estrada a ser percorrida, mesmo com os diversos estudos e discussões já realizados sobre o tema. No presente trabalho, buscamos contribuir com a questão, tanto no que se refere à descrição da flexão nominal de gênero, quanto no que se refere à própria diferenciação entre vogais temáticas e desinências de gênero. Nesse quadro, tentamos apontar algumas considerações sobre a relação entre as vogais finais de nomes e sua relação com a expressão de gênero gramatical desses. Motivados por essas ideias, neste trabalho refletimos sobre o papel da linguagem no que tange à construção de mundo(s) percebido(s) por seres humanos.

Na literatura, em geral, à exceção de Nascimento (2006), há um afastamento entre as categorias gênero gramatical e gênero social ou sexo biológico na visão dos diferentes autores, mesmo com as considerações sobre apenas substantivos referentes sexuais apresentarem desinência de gênero. Para grande parte dos autores, a categoria gênero gramatical não tem bases categóricas na

diferenciação entre gêneros sociais ou sexos biológicos (Camara Jr., 1970; Rocha Lima, 2014; Zanotto, 1986; Kehdi, 1990; Rocha, 2008; Villalva, 2003).

Nesse horizonte, esta pesquisa é uma tentativa de contribuição ao debate sobre o tópico. Para isso, contamos com o aporte, principalmente, da Linguística Cognitiva. Como enquadramento teórico para as descrições gramaticais, o quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso foi utilizado. Por fim, pela própria natureza deste estudo, um alicerce teórico consequente foi aquele conhecido de maneira mais comum como Hipótese Sapir-Whorf e denominado, em trabalhos mais recentes (Everett, 2013), como Relativismo Linguístico.

Nesta pesquisa, então, pela convergência entre os quadros teóricos mencionados, além da posição em relação a trabalhos que vislumbraram o mesmo objeto, algumas hipóteses surgiram. Consideramos que, atualmente, o português brasileiro conta com três construções relacionadas a gênero, as quais chamamos *construções desinenciais de gênero* ([N-a], [N-o] e [N-e]). Essas estão presentes na produção e compreensão de novas palavras, bem como são interpretadas em itens já estabelecidos na língua. No entanto, consideramos que cada uma dessas formas representa apenas uma construção, tanto em substantivos de referente animado quanto naqueles de referente inanimado. Dessa maneira, portanto, desconsideramos a divisão entre vogais temáticas e desinências de gênero, ou qualquer outra divisão proposta na literatura, como aquela em Nascimento (2006).

Ainda na mesma esteira da Gramática de Construções Baseada no Uso, afirmamos que essas construções têm um polo semântico cada. À construção [N-e] estaria pareada a função {GÊNERO NÃO ESPECIFICADO}. Às construções [N-a] e [N-o], a função atrelada seria {GÊNERO/SEXO FEMININO} e {GÊNERO/SEXO MASCULINO}, respectivamente.

Essas duas afirmações, então, fazem emergir uma terceira: falantes de português são induzidos, pela língua, a enxergar características prototipicamente relativas a cada gênero social/sexo biológico. Por conta dessa afirmação, este trabalho se inseriu também em um contexto relativista, no qual se entende que visões de mundo de diferentes comunidades são influenciadas pela língua falada por elas.

Para sustentar tal posicionamento, eram necessárias evidências de que i) gênero gramatical tem relação com a divisão entre gêneros no mundo biossocial, e ii) essa relação e, portanto, o gênero gramatical dos substantivos, afeta a conceptualização dos seus referentes. Para isso, um experimento foi utilizado nesta pesquisa. Nele, a tarefa dos participantes era atribuir antropônimos a substantivos e pseudopalavras (em que figuravam as construções estudadas). Os resultados obtidos poderiam informar se os falantes reconheciam os gêneros sociais a partir das construções.

A análise dos resultados mostrou que essas relações de fato acontecem. Nomes próprios femininos foram associados à construção [N-a] mais frequentemente que às outras duas, ao passo que antropônimos masculinos foram mais associados à construção [N-o]. A construção [N-e] não mostrou preferência de associação. Estatisticamente, as diferenças se mostraram significativas. Tais resultados podem indicar que a escolha do gênero dos antropônimos de acordo com a vogal final também pode apontar para uma relação entre gênero gramatical e gênero social, independentemente do referente associado ao nome. É preciso ressaltar, no entanto, que, mesmo assim, não é possível apresentar uma resposta definitiva sobre as presunções deste trabalho. Ainda assim, os resultados alcançados indicam fortes tendências sobre o fenômeno aqui estudado.

Nesse ponto, acreditamos que este estudo pode contribuir para debates recentes sobre as vogais nominais, principalmente àqueles que se referem ao uso do -e na, assim chamada, Linguagem Inclusiva, como em 'menin-e' e 'amigu-e'. Esta pesquisa aponta para possíveis motivações que podem fazer com que falantes de português encarem as vogais finais átonas em nome como atribuidoras de gênero gramatical, e, por consequência, atribuidoras de gênero social.

Contudo, há que se ter cautela com tais afirmações. Outros experimentos que repliquem o utilizado e aprofundem a questão se mostram necessários. Certamente, esta pesquisa não encerra o já antigo debate sobre a relação entre vogais finais de substantivos e a categoria gênero gramatical. Além disso, este trabalho também não propõe que, com certeza, línguas influenciam a maneira como o ser humano pensa. No entanto, avaliamos que os apontamentos aqui feitos podem indicar caminhos a serem seguidos, tanto no

que se refere a outras pesquisas sobre gênero gramatical e vogal temática/desinências de gênero, quanto no que se refere às pesquisas em Relativismo Linguístico, ambas as áreas ainda profícuas, principalmente esta última, que se vê em processo de retomada nas últimas décadas.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Inheritance and Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.) *Defaults in Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- BORODITSKY, L.; SCHMIDT, L. A. Sex, Syntax, and Semantics. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, v. 22, n. 22, p. 1-6, 2000. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/0jt9w8zf>>. Acesso em: 13/07/2019.
- BORODITSKY, L.; SCHMIDT, L. A.; PHILLIPS, W. Sex, syntax, and semantics. In: GENTNER, D., GOLDIN-MEADOW, S. (ed.) *Language in mind: Advances in the study of language and thought*. Cambridge: MIT Press, 2003. p. 61-79 Disponível em: <<https://doi.org/10.7551/mitpress/4117.003.0010>>. Acesso em: 13/07/2019.
- BOTELHO PEREIRA, M. Â. *Gênero e número em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASASANTO, D. Who's afraid of the big bad Whorf? Crosslinguistic differences in temporal language and thought. *Language learning*, v. 58, p. 63-79, 2008. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/0jt9w8zf>>. Acesso em: 13/07/2019.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUBELLI, R. et al. The effect of grammatical gender on object categorization. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 37, n. 2, p. 449-460, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/a0021965>>. Acesso em: 13/07/2019.
- DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: Dabrowska, E.; Divjak, D. (ed.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 296-322. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9783110292022-015>>. Acesso em: 13/07/2019.
- EVERETT, C. *Linguistic relativity: Evidence across languages and cognitive domains*. Berlin: De Gruyter, 2013.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2006.

- GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.
- GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 2001.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEE, P. *The Whorf theory complex: A critical reconstruction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1996.
- NASCIMENTO, M. J. R. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. 171f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PHILLIPS, W.; BORODITSKY, L. Can quirks of grammar affect the way you think? Grammatical gender and object concepts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, v. 25. p. 928-933, 2003. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/31t455gf#mai>>. Acesso em: 13/07/2019.
- PINHEIRO, D. R.; ALONSO, K. S. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento. *Linguística*, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a18644>>. Acesso em: 13/07/2019.
- PINHEIRO, D. Sintaxe Construcionista. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-184
- PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P.; FERRARI, L. *Linguística Cognitiva: linguagem, pensamento e cultura*. Campos: Brasil Multicultural, 2016. p. 20-41.
- RAMOS, S.; ROBERSON, D. What constrains grammatical gender effects on semantic judgements? Evidence from Portuguese. *Journal of Cognitive Psychology*, v. 23, n. 1, p. 102-111, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/20445911.2011.466795>>. Acesso em: 13/07/2019.
- ROCHA LIMA, C. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2014.
- ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- SEGEL, E.; BORODITSKY, L. Grammar in art. *Frontiers in psychology*, v. 1, p. 3, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00244>>. Acesso em: 13/07/2019.

SEMENUKS, A. *et al.* Effects of Grammatical Gender on Object Description. In GUNZELMANN, G., HOWES, A., TENBRINK, T., DAVELAAR, E. (eds.). *Proceedings of the 39th Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. Texas: Cognitive Science Society, 2017. p. 1060–1065. Disponível em: <<https://www.proceedings.com/35829.html>>. Acesso em: 13/07/2019.

SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia*, v. 9, n. 1, p. 16-21, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.7594/revbio.09.01.04>>. Acesso em: 13/07/2019.

TAVARES DA SILVA, J. C. Abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. *Macabéa*, v. 8, n. 2, p. 109-135, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1953>>. Acesso em: 13/07/2019.

TOMASELLO, M. *Constructing a language*. Harvard: Harvard University Press, 2009.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VANDEWYNCKEL, L. *The weak whorfian hypothesis with regard to gender categorisation*. Gante: Universiteit Gent, 2008.

VILLALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, v. 5. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 917-938.

VIP, A.; LIBI, F. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

WHORF, B. L. *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge: MIT Press, 1956.

WOLFF, P.; HOLMES, K. J. Linguistic relativity. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, v. 2, n. 3, p. 253-265, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/wcs.104>>. Acesso em: 13/07/2019.

ZANOTTO, N. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Porto Alegre: Educs, 1986.



Recebido em 12/12/2021. Aceito em 15/08/2022.